

A CULTURA SURDA A PARTIR DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

AUTORA: KARINA DO NASCIMENTO SOUSA LIMA¹; ORIENTADOR: ANDRÉ MACEDO²

¹Centro de Artes - UFPEL – ka.nslima@gmail.com

²Centro do Artes - UFPEL – andremace@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido dentro do projeto de extensão ‘Núcleo de Desenho e Quadrinhos’, coordenado pelo professor André Macedo que visa explorar, através da oferta de oficinas dentro e fora da universidade, a discussão acerca dessa linguagem que é popular e ao mesmo tempo pouco explorada pela população de modo geral. Todas as oficinas ofertadas foram abertas à comunidade e divulgadas via redes sociais, neste primeiro semestre do ano as oficinas ocorreram especificamente dentro do Centro de Artes, e trataram de produção de zines, construção de personagens, mangás e outras questões que envolvem a produção de narrativas quadrinizada e confecção de revistas independentes.

A proposta deste texto é explorar o cruzamento de experiências visuais surdas e ouvintes a partir de produções de HQs e analisar os recursos utilizados por estes dois trabalhos a fim de produzir sentido. O trabalho terá como referencial de análise a obra de Will Eisner e Scott McCloud e tudo isso será permeado também a partir de uma sustentação acerca de uma **cultura surda** que é retratada nas tiras de Matt Daigle, buscando entender que tipo de discussão o artista propõe e qual a importância de se discutir isso hoje em dia. O trabalho permeia tanto a linguagem visual da produção do quadrinho, quanto uma linguagem antropológica/social, buscando apresentar de forma sucinta o que é o sujeito surdo, cultura surda e procurar desmistificar alguns mitos criados a respeito desses sujeitos, trazendo o olhar de um artista que é surdo.

Pretende-se portanto, apresentar o conceito de cultura surda como aquela em que o sujeito surdo apreende o mundo a partir de experiências visuais, e pretende através de manifestações artísticas e culturais afirmar sua postura de indivíduo linguística e culturalmente diferente, reivindicando seu direito de ser e estar na sociedade. Propõe-se também, a partir da linguagem quadrinizada verificar como autores surdos apresentam essa temática, de modo a aproximar questões cotidianas vividas por eles a leitores que, como eu, são ouvintes e não possuem conhecimento desta realidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Antes de iniciar uma análise das tiras de Matt Daigle, realizarei um breve panorama do que são os quadrinhos, relacionarei a experiência visual desta linguagem a experiência visual dos surdos, apresentarei também, brevemente a cultura surda para, aí sim, trazer algumas obras deste artista e analisá-las.

Os quadrinhos são um tipo de gênero narrativo que mescla imagem com texto a fim de produzir sentido. Segundo Scott McCloud, os quadrinhos são: "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador." (MACCLOUD, 1995 p. 9.). Suas manifestações podem ser encontradas em vários períodos ao longo da história e produzidos pelos mais diferentes povos. Os

primeiros registros conhecidos são das pinturas egípcias em que se retratavam o cotidiano dos escravos no cultivo sob a supervisão de um superior, essas pinturas possuam uma sequência narrativa que podia ser lida de baixo para cima. Mais pra frente já no século XVIII o artista William Hogarth produziu uma série de pinturas denominada “O progresso de uma prostituta”, que fora idealizada para ser disposta em sequência justaposta, assemelhando-se a tiras quadrinizadas. Não existem registros que marquem exatamente o início da linguagem sequencial dos quadrinhos, no entanto o pai desse estilo narrativo é Rodolphe Töpffer que já em meados do século XIX retratava de forma satírica e caricatural personagens e situações da sociedade em que vivia. Este autor foi o primeiro artista que mesclou em uma mesma obra imagem e texto a fim de se atingir uma completude de sentido. A partir dele, que foi um grande marco na história dos quadrinhos, foi que esse estilo passou a se aperfeiçoar em termos de refinamento estético, de roteiro e de disposição.

Várias foram as técnicas utilizadas pelos mais diversos artistas para construir sua narrativa, xilogravuras, colagens, pinturas.... e essas narrativas podem ou não serem organizadas em quadros perfeitamente delimitados (como é o caso do mangá, por exemplo). O fato é que, o que faz com que tal quadrinho produza sentido é a experiência visual que ele propõe a partir de elementos como: balões de fala, onomatopéias, caligrafia, expressão facial dos personagens, disposição dos quadros na folha e ainda, a condução do olhar do espectador em uma linearidade. Temos que ter em mente que essa experiência visual citada é produzida por um ouvinte destinada, na maioria das vezes, a outro ouvinte. Vamos observar mais pra frente que determinados elementos não aparecem em uma narrativa surda.

Antes de apresentar o trabalho de um artista surdo, devo contextualizar o meio ao qual ele se insere. Surdo, segundo o que Lebedeff cita em seu artigo é:

“aquela pessoa que, ‘por ter perda auditiva, comprehende o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pela Lingua Brasileira de Sinais – Libras’”. (LEBEDEFF, 2016, p.10.)

Ou seja, o surdo faz parte de um grupo social que possui uma cultura própria, língua própria e consequentemente manifestações culturais próprias, que se dão predominante através de estímulos visuais. Sendo assim, entendemos que “cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo” (2016, p.11), através de sua língua própria que é a Libras (no caso do Brasil), que além de servir como possibilidade de tradução da língua portuguesa que permite o acesso a obras que antes os surdos não possuíam, permite a produção de cultura dos mais diversos meios explorando a principal ferramenta do surdo que é seu próprio corpo. Exemplo disso são as coreografias surdas, cujo tempo é marcado também por estímulos visuais ou táteis, como lâmpadas que acendem e apagam em um ritmo ou vibrações no chão. Já no caso dos quadrinhos, que é o que mostrarei a seguir, os artistas buscam tratar do seu cotidiano enquanto surdo participante de uma sociedade que não entende sua língua e tampouco conhece sua cultura, ou então determinados artistas refazem histórias famosas da cultura ouvinte e apresentam como protagonista o sujeito surdo, de modo a subverter determinados estereótipos construídos a respeito do surdo, tais como: incapacidade, inteligência inferior, dependência e pessoa atrapalhada.

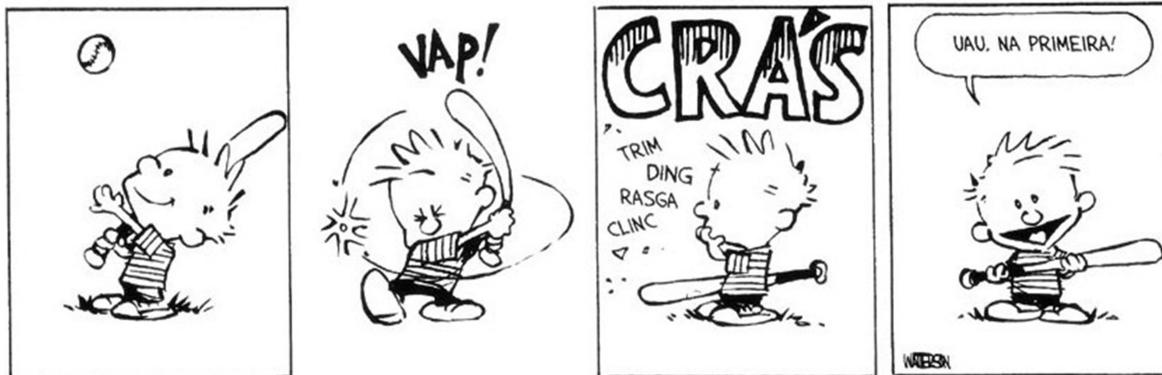
Trago então o artista Matt Daigle, artista norte-americano natural do Texas, Daigle retrata em suas tiras cenas cotidianas suas e com sua família, onde ele trata de forma cômica, situações que ele enfrenta com os ouvintes que não tem conhecimento da linguagem de sinais, nem da cultura permeada pela mesma. Suas tiras trabalham de forma cômica situações de cunho particular do sujeito

surdo e também situações reconhecíveis por pessoas que convivem com tais sujeitos.

Elementos que são extremamente comuns em suas tiras são linhas que indicam movimento, mesmo tendo texto ele é utilizado como recurso de tradução do movimento proposto pelo desenho. Em outros momentos em que aparecem a esposa e o filho, são colocados balões de fala, já quando se trata dele próprio as linhas do movimento são evidenciadas e um balão é colocado apontando para o movimento. Dificilmente são colocados onomatopéias nas tiras, elas estão presentes em algumas, no entanto elas só são colocadas quando o autor põe a esposa (ouvinte) como protagonista da narrativa.

3. RESULTADOS

Se realizarmos uma comparação de uma tira ouvinte com a tira surda verificaremos diferenças de abordagem, trago então dois exemplos:



Calvin e Haroldo – E foi assim que tudo começou



That Deaf Guy – 20/04/2010

No caso da tira de Calvin, as linhas servem como indicação de um movimento mecânico a fim de gerar outra coisa (no caso o lançamento da bola em uma direção), o recurso de fala é uma balão e a onomatopéia é o ponto alto para o entendimento da graça da tira, se fosse retirado esse recurso talvez o sentido não se completasse. Já no caso da tira de Matt tudo se resolve visualmente, mesmo que existam textos narrando os pensamentos do personagem, se retirasse os recursos textuais ainda sim entenderíamos a tira (claro, se a pessoa que a lesse tivesse conhecimento que o personagem principal é surdo).

4. AVALIAÇÃO

Em praticamente todas as tirinhas produzidas, o autor se apresenta como protagonista, juntamente com sua esposa e filho (ambos ouvintes) em um contexto de desinformação por parte dos pessoas que os rodeiam, enfrentando situações que beiram o ridículo. Por esse motivo também, ao longo de outras tiras ele faz uma espécie de tutorial (que pode ser acessado em seu site) em que ele

diz o que deve e o que não deve ser feito na presença de um surdo. E assim como existe Matt Daigle existem também outros artistas que produzem quadrinhos usando outros recursos de linguagem, como é o caso de Ju Loyola, artista brasileira e surda, que produz histórias fantásticas a partir de narrativas silenciosas. Will Eisner em seu livro aborda uma narrativa gráfica que se deriva de caligrafias de antigos povos e diz:

"Por meio do manejo habilidoso dessa estrutura aparentemente amorfa e de uma compreensão da anatomia da expressão, o desenhista pode começar a empreender a exposição de histórias que envolvem significados mais profundos e tratam das complexidades da experiência humana". (EISNER, 1985 p. 16.)

E é a partir disso que artistas como Loyola produzem suas obras, focando mais na expressividade do personagem produzido e em recursos visuais que levem o espectador que pode ou não ser surdo a chegar a uma compreensão a respeito do que foi colocado.

Conhecer e entender as produções culturais dos sujeitos surdos é de extrema importância para evitar que estereótipos que minimizam a imagem destes indivíduos sejam perpetuados. A valorização dessa e de outras formas de manifestações ajuda a manter essa ponte que liga a nossa cultura (ouvinte) á cultura surda forte e gerando conscientização e minimizando preconceitos existentes envolvendo o lugar do surdo na sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEBEDEFF, T.B. Língua de sinais e cultura surda: qual seu lugar na escola?. In: AQUINO, I. C.; CRESTAN, L. M.; DIAS, L. F. F.; DIEDRICH, M. S. **Língua, literatura, cultura e identidade - entrelaçando conceitos**. Passo Fundo: UPF Universidade de Passo Fundo, 2016. Cap.1, p.9-22.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

<http://www.thatdeafguy.com/?p=120> (acessado em 03/10/2017 ás 12:11)

<http://tiras-do-calvin.tumblr.com/post/23128023665/calvin-e-haroldo-e-foi-assim-que-tudo-come%C3%A7ou> (acessado em 03/10/2017 ás 12:12)

<https://culturasurda.net/ilustracoes-cartoons/> (acessado em 03/10/2017 ás 12:13)